

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA – LICENCIATURA**

Elci Borges Schossler

**AÇÕES QUE CONTRIBUEM PARA A PROMOÇÃO DO INTERESSE E
MOTIVAÇÃO DOS ALUNOS COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM**

**Porto Alegre
2010**

Elci Borges Schossler

**AÇÕES QUE CONTRIBUEM PARA A
PROMOÇÃO DO INTERESSE E
MOTIVAÇÃO DOS ALUNOS COM
DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado como requisito parcial para a
obtenção do grau de Licenciado em
Pedagogia, pela Faculdade de Educação
da Universidade Federal do Rio Grande
do Sul – FACED/UFRGS.

Orientadora:
Profa. Ana Maria de Barros Petersen

Tutora:
Cátia Zílio

Porto Alegre

2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Graduação: Profa. Valquíria Linck Bassani

Diretor da Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll

**Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia –
Licenciatura na modalidade a distância/PEAD:** Profas. Rosane
Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

Dedico este trabalho às pessoas mais importantes da minha vida, as quais amo acima de tudo: minha mãe, minhas filhas e meu marido.

À minha mãe Neli, mulher guerreira, lutadora, pessoa na qual me espelho, e com quem aprendi a batalhar e lutar pelos meus sonhos e objetivos.

Às minhas filhas, Karine e Karoline, que me dão toda a inspiração necessária para continuar lutando pela conquista de meus objetivos, os quais são sempre pensando no futuro delas.

Ao meu marido, Gilson, companheiro e incentivador, que me apoiou e compartilhou comigo muitos momentos desta trajetória.

Ao concluir este trabalho gostaria de agradecer:

... à Deus, por sempre iluminar o meu caminho e me dar forças necessárias para enfrentar os obstáculos da vida;

.. à minha mãe Neli, pelo o amor, carinho, dedicação e educação que sempre me deu, por tudo que me ensinou, por toda força, todo o apoio e incentivo que sempre me deu, e por me ouvir e me confortar nos momentos de angústias e incertezas;

... às minhas filhas, Karine e Karoline, que nos últimos tempos tiveram uma mãe pouco presente e estressada, mas que sempre foram meu bálsamo de aconchego e amor;

... ao meu marido, Gilson, por toda a ajuda que me deu, e me dá com a casa, com as filhas, e por agüentar e compreender meus momentos de stress e aflição;

... aos meus irmãos, Luiz Renato, Sindoval e irmã Claudia, e também cunhadas Márcia e Liliane e cunhado Paulinho pelo apoio e incentivo ao longo do Curso;

... à minha sogra, Olga, pelo apoio oferecido nesta caminhada;

... à minha querida amiga, Andrea, pela parceria e incentivo ao longo do Curso e por todo o carinho e amizade que sempre me deu;

... à professora Ana Petersen e Cátia Zílio, que me orientaram durante o Estágio Curricular e o TCC, que acreditaram em mim, me apoiaram, me acalmaram e me incentivaram nas horas mais difíceis;

... à todos que, de alguma forma, contribuíram para a concretização deste sonho...

...Muito Obrigada!

RESUMO

Este trabalho tem como principal foco as ações que podem contribuir para a promoção do interesse e motivação dos alunos com dificuldades de aprendizagem. Investiga o papel do professor como promotor de ações que visem melhorar o desempenho dos alunos frente às atividades escolares. O principal objetivo da pesquisa foi refletir sobre fatores que contribuem positivamente para a promoção do interesse e motivação da aprendizagem, como o incentivo a autoestima, a importância da participação da família na vida escolar dos filhos e o planejamento de atividades que permitem aos alunos compreenderem o que estão aprendendo. A pesquisa apoiou-se nos dados realizados durante o Estágio Curricular do curso de Pedagogia em uma turma de quarto ano de uma escola pública do município de Sapiranga.

Palavras-chave: Ações – Participação- Aprendizagem

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| APRESENTAÇÃO..... | 9 |
| 1 INTRODUÇÃO..... | 10 |
| 2 O PAPEL DO PROFESSOR..... | 11 |
| 3 CONHECENDO A ESCOLA E A TURMA..... | 14 |
| 4 A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS | 16 |
| 5 BUSCANDO PARCERIAS..... | 18 |
| 6 A IMPORTÂNCIA DO RESGATE E DO CONHECIMENTO DAS MEMÓRIAS E ORIGENS DAS FAMÍLIAS..... | 23 |

| | |
|---|-----------|
| 7 ALGUMAS AÇÕES NA PRÁTICA E O REFLEXO DESTAS NA APRENDIZAGEM DOS ALUNOS | 27 |
| 7.1 A literatura uma grande aliada | 29 |
| 8 O USO DAS TECNOLOGIAS COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM..... | 31 |
| 9 E A AÇÃO DE AVALIAR COMO É QUE FICA?..... | 36 |
| 10 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 37 |
| REFERÊNCIAS..... | 40 |

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho tem como finalidade cumprir as exigências pedagógicas e legais para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, *strictus sensus*, na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Como objeto de reflexão foi escolhido o tema: Ações que podem contribuir para a promoção do interesse e motivação dos alunos com dificuldades de aprendizagem, baseado nas experiências desenvolvidas ao longo do estágio curricular.

Este tema teve origem nas indagações que se fizeram presentes ao longo do Curso de Pedagogia e que procuro sistematizar através desta escolha pontual, centrada nas práticas realizadas no Estágio Curricular.

Meu objetivo, ao fazer esta escolha foi deter um olhar mais demorado sobre as ações, do professor. Ações estas que geram novas ações, tanto na participação efetiva da família na vida escolar do filho, como também dos filhos como alunos que realizam com motivação e interesse as atividades propostas. Na verdade gera-se uma rede de ações que desencadeiam aprendizagens para todos os envolvidos na comunidade escolar. Procurei observar como essas ações se apresentaram na realidade escolar, naquele momento; como os alunos se beneficiaram, e, principalmente, que modificações senti na minha prática pedagógica.

1 INTRODUÇÃO

A importância das ações do professor frente às dificuldades de aprendizagem dos alunos. A relação da família com a escola, professor e aluno e, também, a questão de falta de interesse dos alunos frente às próprias dificuldades de aprendizagem e aos assuntos relacionados com o processo ensino-aprendizagem, sempre chamaram a minha atenção.

Atuei vários anos com alunos com dificuldades de aprendizagem, mais especificamente com o reforço escolar, identifiquei alguns elementos importantes que não eram trabalhados adequadamente pela escola.

Em minha opinião a motivação, a autoestima, o interesse e a curiosidade agem como fatores que desencadeiam aprendizagens significativas em sujeitos em fase de formação, inspirando cuidados especiais para que sejam favorecidos o crescimento individual e o crescimento coletivo.

As famílias, de hoje, estão mais instáveis, delegando à escola maiores responsabilidades. Além disso, inúmeros são os fatores que contribuem para aumentar as dificuldades da criança, como a pobreza, o desleixo, a falta de afeto, a baixa autoestima e tantos outros elementos a que nossos alunos são submetidos.

Autores como Freire, Becker, Polônia e Dessen e Piaget são alguns dos quais busquei apoio para confirmar ou refutar as reflexões desenvolvidas por ocasião de algumas atividades realizadas durante o Estágio Curricular.

Freire, com sua trajetória de alguém que procurou inserir uma proposta educacional voltada para a educação integral do ser humano em seu meio e com os outros, isto é, uma educação transformadora, capaz de modificar o sujeito e sua atuação na sociedade. .

Becker, 2001, traz reflexões significativas sobre a relação professor aluno e também como ocorre a aprendizagem baseados nos estudos de Piaget. Também Polônia e Dessen, 2007, contribuem com estudos

direcionados para a reflexão sobre a família e a escola como contextos do desenvolvimento humano.

Este trabalho pretende analisar algumas das atividades que realizei durante o Estágio Curricular com uma turma de quarto ano. A pesquisa foi realizada em uma escola pública municipal de Ensino Fundamental na cidade de Saporanga. A partir da constatação das dificuldades de aprendizagem dos alunos, da baixa autoestima, do desinteresse, que se estendia, também, às suas famílias promovi algumas ações que foram desenvolvidas e registradas.

Dentre as ações desenvolvidas as que mais se destacaram foram a aproximação e envolvimento das famílias no processo de aprendizagem dos alunos; o uso de tecnologias como ferramenta de aprendizagens e, também, o incentivo ao desenvolvimento da autoestima, da motivação e conseqüentemente o interesse e a participação efetiva dos alunos nas atividades pedagógicas realizadas . Também procuro destacar a importância da avaliação dentro desse contexto.

2 O PAPEL DO PROFESSOR

Para Freire (1995, p.21), “Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. Para isso o educador tem o papel de importante destaque, pois é ele que vai possibilitar um ensino baseado na construção e (re)construção de aprendizagem pelo aluno. O professor é um agente que deve atuar na mediação de ações que possam vir a contribuir para desenvolvimento integral do aluno. Essa mediação deve ser articulada entre equipe diretiva, educadores, alunos e as famílias dos alunos.

O professor deve ser crítico, autônomo, ético, sensível, participativo, dialético, transformador, criador, socializador e solidário.

Segundo Perrenoud (2000), há dez grandes famílias listadas a seguir que devem nortear o trabalho do professor.

| COMPETÊNCIAS REFERÊNCIA PERRENUOUD |
|--|
| 1. Organizar e dirigir situações de aprendizagem |
| 2. Administrar a progressão das aprendizagens |
| 3. Conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação |
| 4. Envolver o educando em sua aprendizagem e em seu trabalho |
| 5. Trabalhar em equipe |
| 6. Participar da administração da escola |
| 7. Informar e envolver os pais |
| 8. Utilizar novas tecnologias |
| 9. Enfrentar os deveres e dilemas éticos da profissão |
| 10. Administrar sua própria formação contínua |

O professor precisa ser perseverante tendo a alegria e o prazer em ensinar e também em aprender. Deve ser capaz de criticar sem destruir e de se autoavaliar na busca permanente de crescimento. Antes de julgar os acontecimentos e os fatos procurar partilhar suas experiências e seu ponto de vista com os envolvidos. Dispor-se a viver novas aventuras e a ampliar seus conhecimentos. Aprender com o passado e reinventar o futuro. Construir caminhos de participação e convivência que darão sentido e coerência a sua presença no mundo.

De acordo com Freire (1996, p 12), “A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação teoria/prática sem a qual a teoria pode ir virando bla-bla-blá e a prática ativismo”, nesse sentido podemos destacar a importância do professor que volta seu olhar para a sua própria prática docente, procurando aproximar a teoria da realidade prática.

O professor precisa propor atividades que possibilitem aos alunos compreenderem o mundo em que vivem e também construir e reconstruir aprendizagens para levarem vida a fora.

Segundo Freire (1987, p.68), “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam-se entre si, mediatizados pelo mundo”. É da natureza do ser humano caminhar no sentido da busca pela evolução através do conhecimento, assim também são os alunos, curiosos e

sedentos por aprender coisas novas. Cabe ao professor propor atividades que venham ao encontro de tais expectativas dos alunos.

Ainda de acordo com Freire (1996) o professor precisa respeitar a leitura de mundo do qual seus alunos vivem, isto é, quem são as pessoas com quem convivem, seus hábitos, lazeres, suas origens e também seus sonhos. Então o professor deve tomar essa leitura de mundo como ponto de partida para a compreensão da curiosidade desenvolvendo assim atividades que possibilitem a estruturação e construção de novas aprendizagens.

Para proporcionar uma educação onde o professor e o aluno interajam como sujeitos que aprendem através da relação de troca precisamos destacar que este professor precisa ter o perfil adequado, isto é, não se pode ser um educador Empirista, pedagogia diretiva ou Apriorista.

Nesta perspectiva, Becker (2001) nos aponta o educador com a postura da pedagogia relacional onde o professor traz algo que acredita ter significado para o aluno e o disponibiliza para ser explorado. Após a exploração esgotada o professor busca realizar questionamentos sobre o tema e por último solicita que os alunos representem através de desenho, pintura, escrita, teatralizando ou outra atividade.

Ainda segundo Becker (2001), o professor age assim porque ele acredita que o aluno aprende algo a partir do momento que este possa construir e problematizar. Esse professor concebe a ideia do respeito às vivências trazidas pelos alunos do mundo em que vivem. Vivências essas que variam de acordo com as experiências individuais de cada sujeito.

O professor estabelece uma relação de confiança e de troca de saberes tanto com seus alunos como também com seus familiares.

Aluno e professor aprendem e reaprendem num processo de construção e (re)construção.

3 CONHECENDO A ESCOLA E A TURMA

A escola pertence à rede municipal de Sapiranga, atende cerca de setecentos alunos do ensino fundamental, nos turnos da manhã, tarde e noite.

A escola está inserida numa comunidade carente, localizada na periferia da cidade sendo que atende, também, uma pequena minoria de alunos que vivem na zona rural.

A maioria das famílias é composta por quatro ou mais pessoas, o que faz com que o poder aquisitivo fique muito abaixo. Os pais exercem várias profissões, que variam de acordo com a oferta no mercado de trabalho e cuja renda é inferior a dois salários mínimos. Aproximadamente 68% dos pais não possuem o Ensino Fundamental completo, 5% possuem o Ensino Médio e os outros são analfabetos. Constatamos que a maioria dos alunos nasceram em Sapiranga e alguns vieram de outros estados como Santa Catarina, Paraná ou ainda do exterior.

Nos fins de semana o lazer das famílias é pouco diversificado, visitam amigos e familiares, vão para o Centro e raramente saem da cidade. Nas férias, visitam os parentes em suas cidades de origem.

Em geral, os alunos são interessados e participativos apesar do pouco apoio familiar, da carência afetiva e econômica que os impossibilita o acesso ao material didático diversificado como livros, revistas, jornais e outras experiências implicando em uma desvalorização da necessidade de crescimento cultural e intelectual.

Quando não estão na escola, os alunos ficam em casa com irmãos ou avós, assistem televisão, brincam, passeiam, estudam ou frequentam projetos oferecidos pela escola, apenas uma minoria trabalha.

Notamos que são crianças, jovens e adultos carentes que necessitam de carinho, de atenção, de afeto e de limites. As perspectivas de vida não são muitas, por isso o apoio da Escola é fundamental para a mudança de

pensamento, e conseqüentemente, uma nova postura em relação às suas próprias vidas.

Por todo esse contexto a filosofia da escola visa “Formar o educando como um ser social, provido de suas habilidades para que ele possa desenvolver tarefas e conduzir sua vida de maneira responsável, digna e comprometida com valores morais, sociais e ambientais. Educar para a independência e para a busca de um ideal definido, onde cada ser humano possa ser sujeito de suas ações interferindo na sua realidade”.

A turma, um quarto ano, é composta por vinte e nove alunos, sendo onze meninos e dezoito meninas. O grupo possui três alunos repetentes e quatro casos de inclusão, porém apenas um possui diagnóstico e tem atendimento especializado. Em relação à aprendizagem, com exceção das inclusões, os alunos encontram em níveis semelhantes de saberes. Percebe-se que a maioria dos alunos são retraídos, inseguros e alguns desmotivados.

Nas questões de leitura e escrita encontram-se em níveis semelhantes, ou seja, todos lêem, entretanto falta compreensão daquilo que estão lendo. Quanto à escrita, ainda estão na fase de elaboração de frases. A maioria não consegue desenvolver uma produção textual com coerência.

Em relação à matemática todos parecem gostar bastante, o que é positivo. Dominam a adição, subtração e multiplicação, porém apresentam dificuldades na divisão e na interpretação e resolução de problemas matemáticos.

A turma possui uma professora titular, que sou eu, professora de Filosofia, Educação Física e um o professor de Informática, os quais atuam duas horas semanais, cada um deles, com o grupo.

Percebe-se que as famílias dos alunos possuem um nível sócio econômico precário, a maioria dos pais trabalham na informalidade, moram em terrenos pequenos com mais de uma moradia e várias pessoas. As crianças são muito carentes e a maioria possuem a autoestima baixa.

Escolhi de propósito atuar este ano, com essa clientela de alunos, pois apesar de vinte anos trabalhando no magistério público municipal, faziam mais

de dez anos que estava atuando nos bastidores, ou seja, atuava nos projetos extra classe.

Foi também nos bastidores que ouvi muitas reclamações de professores e até dos gestores dizendo aqueles chavões que todos que atuam em escola já conhecem: “Não adianta insistir, o aluno não quer nada com nada” “...ele não aprende, o jeito é largar de mão”, “ ...é de família todos não aprendem”, “Não chama os pais, pois eles armam o maior barraco” e o que mais me chamava atenção: “ ...os pais dos alunos com maiores dificuldades de aprendizagem, problemas de indisciplina ou outros, são os que nunca comparecem na escola”.

Essas e outras questões me inquietavam, principalmente após minha entrada no Curso de Pedagogia da UFRGS, modalidade a distância, diga-se de passagem, esse curso nos possibilitou uma grande reflexão sobre a prática educativa.

Então o Estágio Curricular possibilitou a aplicação do que aprendemos ao longo do curso, na prática do cotidiano escolar.

4 A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS

Sabemos que o ambiente familiar não é o único aspecto a influenciar na aprendizagem. Torna-se necessário entender que por trás da dificuldade de aprendizagem podem existir várias causas, podendo ser de origem biológica, emocional ou social. No entanto devemos reconhecer que a família tem grande influência e pode estimular um melhor rendimento.

Entre os alunos com dificuldades de aprendizagem, na realidade em que observei, encontrei famílias que não compareciam as reuniões e atividades da escola, não falavam com seus filhos. Muitas crianças passavam a maior parte do dia em frente à televisão, os pais não procuravam saber o que fizeram na escola, não liam uma história para eles, não olhavam seus cadernos nem ajudavam nas tarefas de casa. Muitos são analfabetos ou semianalfabetos e têm pouco ou nenhum material de leitura em casa. Alguns vendo as dificuldades das crianças na aprendizagem ficam ansiosos e acabam fazendo cobranças, demonstrando impaciência e colocando toda a culpa na criança ou na escola, mais especificamente no professor.

Para Densen e Polônia (2007, p.22), “[...] a família e a escola emergem como duas instituições para desencadear o processo evolutivo das pessoas atuando como propulsoras ou inibidoras de seu crescimento físico, intelectual, emocional e social”, por isso a importância da parceria e interação entre a escola e pais. Cabendo ao professor a iniciativa de buscar e envolver as famílias de forma mais efetiva no processo de escolarização do aluno.

Sabemos que durante muito tempo, a escola e a família viveram em grande harmonia. O que escola pensava era o que família pensava e vice versa. Hoje, existe pouca parceria entre família e escola. Algumas famílias, depois de matricularem seus filhos nas escolas parecem considerar sua missão terminada, entregando a esta toda a responsabilidade.

Durante o primeiro mês do ano letivo de 2010, observei o comportamento dos alunos e de suas famílias respectivamente. Para tanto usei os temas de casa, a assiduidade e a participação dos pais na escola. Dos vinte e nove alunos, uma média de sessenta por cento não realizavam os temas de casa, usando os argumentos mais vagos possíveis, como “me esqueci”, “fui ao centro com algum familiar”, todos os dias havia alguém faltando, justamente aqueles com mais dificuldades. Entretanto o que mais me chamou a atenção foi que na primeira reunião de pais, somente quatro dos vinte e oito pais compareceram à reunião.

Por que alguns pais não vem à escola? E justamente aqueles cujos filhos têm maior dificuldades de aprendizagem ou de indisciplina? Por que a escola não está conseguindo cativá-los, buscá-los?

É dever da escola informar a família quanto a qualquer problema constatado nas crianças. Segundo Dessen e Polônia (2007, p. 28):

Uma das dificuldades na integração entre a família – escola, é que esta ainda não comporta em seus espaços acadêmicos, sociais e de interação os diferentes segmentos da comunidade, e por isso, não possibilita uma distribuição equitativa das competências e o compartilhar das responsabilidades.

Existe um distanciamento muito grande entre a participação efetiva da família nos espaços escolares, ou seja, os pais comparecem na escola somente quando solicitados para participarem de reuniões, entrega de avaliações ou por problemas de indisciplina dos filhos.

Também é necessário que a escola conheça a história familiar dos alunos, podendo assim, entendê-los melhor e auxiliá-los nas suas dificuldades. É importante que a escola oriente as famílias sobre a melhor maneira de ajudar as crianças em relação aos estudos, a sua formação como cidadão.

5 BUSCANDO PARCERIAS

Frente às dificuldades constatadas em minha turma procurei elaborar algumas ações visando melhorar o rendimento dos meus alunos. A primeira foi trazer os pais para uma participação mais efetiva na escola e a outra que acredito, de certa forma, ser uma inovação, visitei as famílias dos alunos em seus ambientes familiares.

De acordo com Piaget (1991, p,50):

O objetivo mais relevante desta proposta é conscientizar a escola do papel que possui nesta parceria: A intervenção pedagógica a estas questões, deve ser no sentido da família vivenciar reflexões que lhe possibilitem a reconstrução da autoestima, a fim de que se sintam primeiramente compreendidos e não acusados, recepcionados e não rejeitados pela instituição escola, ainda que esta última possa fazê-los sentir-se reconhecidos e fortalecidos enquanto parceiros nesta relação. Pois, [...] se toda a pessoa tem direito a educação, é evidente que os pais também possuem, o direito de serem senão educados, ao menos informados e mesmos formados no tocante a melhor educação a ser proporcionada a seus filhos.

Conhecendo um pouco mais da realidade em que os alunos estão inseridos, seus hábitos e costumes, percebi com clareza que estava indo pelo caminho certo. Por outro lado começou a estabelecer-se uma relação de confiança e parceria.

Conhecendo a professora e a sua proposta de trabalho visando o melhor desempenho dos alunos no processo de escolarização os pais passaram a colaborar efetivamente.

A maioria dos alunos com dificuldades de aprendizagem apresenta baixa autoestima. A autoestima norteia os interesses do aluno. É ela que fundamenta novas investidas em si mesmo ou não.

Segundo Zaguri (2003), o sentimento de aceitação da pessoa, ou seja, a forma como está se vê ou que percebe sua própria identidade é o que possibilita sua autoestima. Dependendo de como o indivíduo se percebe ou mesmo se aceita a autoestima pode ser positiva ou negativa. Quando a pessoa se valoriza e aceita sua maneira de ser, esta apresenta autoestima positiva. Caso contrário, se, a pessoa não se aceita e se desvaloriza, esta apresenta autoestima baixa ou negativa.

Para ilustrar, cito o fato das duas irmãs que frequentam a turma. Quando as conheci todos logo apontavam para as comparações, diziam que a pequena Y era sempre alegre e querida por todos, enquanto X, de onze anos, com histórico de repetência e indisciplina, era sempre a mau humorada e agressiva. Não tinha respeito pelos outros e conseqüentemente estava sempre envolvida em confusões. Observando-a, percebi o reflexo de sua falta de aceitação pelos outros em sua própria aprendizagem. Na visita na casa da

família conversei com os pais e descobri que o pai nunca aceitou o fato desta ter nascido menina e por isso sempre a menosprezava, além disso, batia seguidamente na criança. A menina apesar de ser muito bonita se achava feia e não acreditava em seu potencial. A representação de sua imagem através de desenhos era borrada e confusa, sua escrita, muito forte e borrada, muitas vezes ao apagar até rasgava o caderno.

Durante o encontro pedi para tirar uma foto da família, a menina se recusou. Esse também era um fator muito presente nas atitudes da criança em sala de aula, ela recusava-se a participar de qualquer situação que focasse em sua pessoa. Conseqüentemente nas questões de aprendizagens apresentava dificuldades de organização, de objetividade, na interpretação e produção textual e principalmente nas questões envolvendo matemática.

Fizemos algumas combinações com a família, principalmente orientei a mãe a não fazer comparações entre as meninas. Também a incentivei a destinar um tempo para ajudá-la na realização das atividades escolares. O pai que no início mostrou-se resistente, depois passou a dar mais atenção à menina. Em sala de aula, coloquei-a sentada próxima a minha mesa e sempre dedicava uma atenção especial a ela. Foi um processo lento e demorado, entretanto aos poucos a aluna foi ganhando confiança, passando a sentir-se valorizada e conseqüentemente fazendo todas as atividades. Seu desempenho melhorou muito, mas sua postura na forma de se vestir e relacionar-se com os outros foi que mais foi salientado.

Segundo Dessen e Polônia (2005, p.29), que “Para superar os desafios que enfrentam, hoje, uma das alternativas é promover a colaboração entre a escola e a família”, percebe-se que juntas, família e escola podem atuar como propulsoras de ações que podem refletir positivamente no processo de escolarização dos educandos.

A maioria das crianças observadas possuíam baixa autoestima, eram desmotivados e apáticos. A aproximação com a família fez com que eu percebe-se que a maioria dos pais, pelos diversos motivos já citados anteriormente, não se envolviam nos assuntos referentes à escola dos filhos.

É importante para os alunos se conhecerem e conhecerem suas potencialidades, gostarem do que fazem, mesmo que suas tarefas não tenham sido tão bem desempenhadas quanto às dos colegas. Se eles têm confiança em seus potenciais e estes são reforçados pelos seus familiares, seu rendimento passa a ser muito melhor.

De acordo com Zaguri (2003), toda a pessoa, especialmente a criança, deseja sentir-se amada e querida, principalmente pelos familiares e aquelas que a cercam e convivem com a mesma. Portanto, temos que aproveitar esse aspecto em prol da boa formação de nossas crianças. Quando o elogio vem dos pais ou da professora aí mesmo que elas vão progredir ainda mais.

Mas isso não quer dizer que os pais não possam observar seus filhos a observar suas tarefas com olhos críticos, ressaltando o que está bom e chamando a atenção para aquilo que precisa ser melhorado.

É muito importante, para os pais, reconhecerem as qualidades de seus filhos, aquilo em que eles são bons ou do que gostam de fazer e na medida do possível, ir ampliando a confiança que eles têm em si mesmos.

É necessário ter equilíbrio, incentivar as crianças a irem adiante, vencendo suas próprias limitações, tomando o cuidado para não se julgarem superiores ou inferiores aos colegas. Deve-se ter o cuidado para não exceder no zelo e na proteção achando que as crianças não são capazes de executar tarefas simples, em nome de cuidados que, muitas vezes, são artifícios utilizados pelos pais para não dar autonomia aos filhos.

Para Tiba (2002, p. 258), “Filhos são navios... Pais estaleiros...O pais podem achar que o lugar mais seguro para os filhos é junto deles, mas os filhos não nasceram para isso, e sim para singrar os mares da vida”.

Por exemplo, aluno K, chegou à minha turma com encaminhamento da psicopedagoga e com um histórico de muitas dificuldades de aprendizagem. Recusava-se a realizar as atividades, seu caderno tinha desenhos de coisas que lhe interessavam e quase nada dos conteúdos desenvolvidos em aula. Sempre trazia brinquedos e passava a maior parte do período da aula envolvido com os mesmos. Investigando descobri que fazia parte de uma

família com apenas dois filhos, sendo o mais velho com dezenove anos e K com nove. O pai muito exigente, enquanto a mãe agia com excesso de proteção e zelo. Até o ano de 2009, a criança tomava mamadeira, dormia no quarto dos pais, apesar de ter seu próprio quarto na casa, e a mãe fazia tudo pelo filho, menos estabelecer limites e incentivar a autonomia.

Logo no início do ano tive problemas com este menino, pois comecei cobrar sua participação nas aulas e realização de tarefas de casa. Então o mesmo começou a queixar-se da professora para os pais, queria trocar de turma, pois esta estava sendo muito exigente com ele. Conversei com o pai expliquei minha forma de trabalhar, estabelecemos algumas combinações para incentivar o interesse pelas atividades oferecidas. Aos poucos o aluno foi fazendo as atividades proposta, claro que nem todas ele conseguia realizar, pois estava acostumado a não fazer e era lento. Durante uma de minhas visita a casa do aluno (neste caso específico, fui mais de uma vez) percebi que o aluno ficava responsável por fazer suas atividades escolares durante o período da manhã, as quais fazia olhando televisão, isto é, fazia de conta que fazia. Então orientei os pais há destinarem um tempo no final da tarde, quando estes estivessem em casa, para que pudessem auxiliá-lo. Como a criança tem falta de atenção, precisa de um momento específico sem jogos de vídeo-game ou televisão.

Já em abril o aluno ganhou alta da psicopedagoga, passando a demonstrar a cada dia uma evolução significativa no processo de escolarização. Neste caso o que mais chama a atenção é o fato do aluno sentir-se valorizado pelo olhar da professora, não somente a ele próprio, mas também a sua própria família, pois o mesmo tinha nos pais dois referenciais muito diferentes. Não preciso dizer que este menino demonstrou uma inteligência perspicaz incrível e deslanchou na aprendizagem.

A autoestima começa a ser formada muito cedo, e cabe aos pais auxiliarem nesta formação, com amor, respeito confiança, limites, segurança e tantos outros valores que norteia a educação. É importante que a família ajude a criança a desenvolver uma boa autoestima. Segundo Zaguri (2002), pessoas

com a autoestima baixa têm maiores chances de desenvolver depressões e o fracasso escolar e na vida adulta o insucesso é na profissão.

A autoestima é fundamental para o sucesso da pessoa, pois quando a criança é amada, desejada, estimulada pela família, ela desenvolve positivamente, o que facilitará sua aprendizagem.

Muitas crianças que vêm para a escola têm baixa autoestima, então antes de mais nada, é necessário que haja um trabalho para resgatá-la, ajudá-la a confiar em si própria; do contrário o processo de aprendizagem não terá bons resultados.

6 A IMPORTÂNCIA DO RESGATE E DO CONHECIMENTO DAS MEMÓRIAS E ORIGENS DAS FAMÍLIAS

De acordo com Paro (2000, p.33), “[...] as famílias vivenciam a timidez diante dos professores, o medo da reprovação dos filhos e a distância que sentem da cultura da escola, isto é, sentem-se incapazes de contribuir ou de manifestar interesse pela vida escolar do filho”.

Sabemos que a família é o primeiro grupo social em que o ser humano insere-se, sendo seguido pela escola, igreja e outros. Mas, é na família que são consolidados os alicerces para a formação do caráter, da personalidade e também do ser adulto que fará parte de nossa sociedade. Entretanto, muitas vezes, não é feito o resgate pela escola, de conhecer e valorizar a origem das famílias de seus educando.

Segundo Dessen e Polônia (2007, p. 24):

A família como responsável pela transmissão de conhecimento, possibilitando compartilhar regras, valores, sonhos, perspectivas e padrões de relacionamento, bem como a valorização dos seus

membros e de suas habilidades em acumular, ampliar e diversificar as experiências.

Descobri, com meus alunos, através de entrevistas, que os pais de origem de regiões rurais do interior do Rio Grande do Sul, têm muitos sonhos que pensam em realizar alguns por mérito próprio e outros através dos filhos. No item sonho para o futuro dos filhos, a maioria destacou a educação como forma de acessibilidade a uma melhor qualidade de vida, sendo que a maioria das mães sonham que as filhas sejam professoras. Entretanto nas ações os pais não tinham a percepção da importância do incentivo à vida escolar dos filhos, justificando não terem disponibilidade de tempo ou por não terem escolarização suficiente para ajudar nos temas e atividades destes. Juntos – pais, alunos e professora – descobrimos a importância da motivação, do pai dispor de um momento para olhar e acompanhar as atividades que o filho está desenvolvendo na escola. Mesmo aqueles pais analfabetos ou semi-analfabetos, podem colaborar incentivando seus filhos a não faltarem às aulas por motivos banais, estabelecendo horários para estudos escolares ou estimulando o capricho com o caderno e demais trabalhos escolares.

De acordo com Freire (1996, p.26), “[...] não é possível à escola, se, na verdade engajada na formação de educando e educadores, alhear-se das condições sociais, culturais, econômica, de seus alunos, de suas famílias de seus vizinhos”.

Cabe, então a escola dar o primeiro passo, inserindo ações que promovam o resgate e a integração da família na participação efetiva no processo de escolarização dos filhos. Nesse sentido procuramos envolver as famílias dos educandos no resgate de suas origens e histórias vivenciadas. Através de entrevistas com os pais, os alunos passaram a conhecer um pouco mais de suas descendência e etnias. Também foi promovido na escola momentos onde houve a integração e participação das famílias em oficinas de contação de histórias, de culinária, de recreação, de Informática e outros.

Trabalhando com a aproximação das Famílias dos alunos foi possível compreender um pouco mais sobre a constituição familiar. As famílias, em sua grande maioria, formadas por cinco e seis pessoas.

Grande parte dos pais trabalha como pedreiro, alguns nas fábricas de calçados e muitas mães trabalham em casa, sendo que algumas fazem sapatos (serviço de atelier), e outras cuidam de crianças. Também existem alguns pais, mães e irmãos que estão desempregados.

Somente duas famílias pagam aluguel, sendo que a maioria tem casa própria, porém, pequenas em espaços apertados, e as mães sonham em adquirir uma casa maior e melhor. Todas, como foi citado anteriormente sonham com o melhor para os filhos, entretanto, pela própria condição social, desescolarização e acomodação mantêm-se alienados dos assuntos que dizem respeito a participação na escola.

Como já foi dito anteriormente:

Esta é uma relação permeada pelos mais diversos fatores: o sofrimento dos pais por afastarem os filhos de si mesmo; os desejos de que a escola lhe oferece o melhor; em todos os aspectos; a necessidade da garantia dos melhores cuidados para com as crianças, os ciúmes que sentem os pais ao dividirem os filhos com os professores, o medo do fracasso escolar, as projeções dos próprios fracassos compensados através dos filhos; o pouco interesse pela vida escolar dos filhos; as superexigências dos pais; as atitudes de aceitação ou não dos filhos, as questões de rejeição ou negligência, as dificuldades pessoais dos pais; o contexto sócio-econômico-histórico em que se fundamenta a família; a permissividade ou autoritarismo, as relações de amor e de hostilidades; a violência contra os filhos ou entre familiares; as atitudes, padrões e valores e valores morais da família; o relacionamento casal e filhos; doenças, separação, desemprego; os diferentes modelos de organização familiar (MACEDO, 1996, p.12).

Nesse sentido, deve a escola, mais especificamente ao professor dar o primeiro passo, buscando através de ações inovadoras ou outras já praticadas envolver os pais no processo de escolarização dos filhos. Fazer com que estes sintam-se valorizados pelo papel que exercem, pela cultura que possuem e também por suas etnias. Nos dias de hoje, em todos os segmentos da sociedade, sabemos o quanto é importante o trabalho em equipe. Então porque não envolver os pais nessa parceria, pois está é uma das alternativas para

despertar para a tomada de consciência de que é possível fazer com os alunos tenham mais interesse e motivação pelos estudos escolares. É preciso que tenhamos em nossas salas de aulas crianças curiosas, motivadas e conseqüentemente com vontade de aprender.

De acordo com Freire e Shor, (1986, p.180):

As pessoas comuns não fazem os mesmos tipos de abstrações que fazem os acadêmicos como nós. Nossas abstrações nos afastam cada vez mais do concreto. Quando as pessoas comuns falam elas procuram compreender sua experiência através de metáforas e histórias, o que as mantém ligadas ao concreto. [...] O problema que isto coloca para nós [...] É como podemos aprender, pouco a pouco a estrutura de pensamento desses grupos [...] Trata-se de compreender como as pessoas comuns são capazes de tornar explícitos os problemas do mundo. [...] Precisamos ver também como serão capazes de compreender nossa linguagem, desde que nós sejamos capazes de traduzir nossos conceitos para o concreto da linguagem popular.

Essa aproximação entre família e escola pode e deve ser facilitada pela aproximação do próprio professor de sala de aula, pois é ele que possui maior interação com o aluno. A postura do professor pode ou não facilitar atitudes que aproximem ou não os pais a uma participação efetiva na escola e conseqüentemente na vida escolar do filho. Isso não quer dizer que o professor deva sair falando gírias, mas sim procurar compreender a cultura e linguagem das famílias, pois é essa cultura e linguagem que os filhos trazem para a sala de aula que servirá de alicerce para a construção de outras aprendizagens. Como a criança vai passar a compreender a importância da reciclagem do lixo, por exemplo, se no contexto que ela vive não existe essa compreensão.

É um trabalho mais complexo e lento, no entanto não impossível e que pode transformar a educação em algo significativo, principalmente para aqueles menos favorecidos e esclarecidos.

7 ALGUMAS AÇÕES NA PRÁTICA E O REFLEXO DESTAS NA APRENDIZAGEM DOS ALUNOS

Partindo das ações articuladas e realizadas no macro passamos a observar o desenvolvimento de outras nos micros espaços, ou seja, sala de aula, informática, realização de tarefas de casa e principalmente o interesse e motivação dos alunos pelos estudos escolares.

Durante minha trajetória profissional ouvi sempre comentários sobre turmas barulhentas que incomodam o bom andamento da aula de certos professores, no entanto sempre preferi o contrário, ou seja, alunos participativos e que não tenham medo expor suas ideias. Como citei no perfil da turma, meus alunos eram apáticos e desinteressados. No entanto com o decorrer das atividades e propostas que apresentava-lhes, estes foram mudando gradativamente, passando de apáticos para alunos ativos e curiosos.

Piaget, (1991, p. 17), afirma que “[...] compreender é inventar ou reconstruir através da reinvenção”. Então por que não podemos reinventar a forma que vamos oferecer determinados conteúdos aos nossos alunos?

É da práxis da maioria dos professores trabalharem com textos prontos, entretanto, passei a adotar a produção textual, individual e coletiva, para uso em sala de aula para interpretação e também para trabalhar a ortografia. Meus alunos pareciam que liam e não compreendiam, então comecei a usar alguns textos produzidos coletivamente como instrumento de aprendizagem. Por exemplo, no dia seguinte após o passeio na comunidade, fizemos à produção coletiva, todos copiaram em seus cadernos, na semana seguinte, levei-o de forma digitalizada para fins de interpretação e trabalho ortográfico. Foi impressionante como fluíram as interpretações, inclusive com euforia pelas crianças, pois estavam estudando a partir de sua criação. Desde então, passei adotar o máximo o uso das próprias contribuições dos alunos para depois partir para outros, sempre dando ênfase ao tipo de produção e autoria.

Aos poucos fui estimulando a produção escrita a partir de elementos descobertos nas observações feitas pelas próprias crianças a respeito de determinados assuntos que estavam relacionados com o mundo que as cercam, mas que não eram perceptíveis aos alunos e até mesmo às famílias destes.

De acordo com Piaget, (1991, p. 14), “[...] no campo da matemática, muitos fracassos escolares se devem aquela passagem muito rápida do qualitativo (lógico) para o quantitativo (numérico)”.

Constatai a maioria dos alunos precisava de atividades utilizando material concreto. Utilizando material de contagem, base dez e também aproveitando os encartes do jornal que alunos recebem semanalmente, foi possível promover atividades lúdicas, prazerosas e que proporcionaram a compreensão de alguns conceitos, como agrupamentos de dez em dez, resoluções de problemas matemáticos, adição, subtração, multiplicação e divisão. Para a resolução de histórias matemáticas utilizei os nomes dos próprios alunos ou até mesmos dos pais para fins de melhor compreensão, utilizando do jornal, o encarte das promoções do mercado que temos na cidade. Ex: Calcule qual é a soma: 1kg de laranja suco, 1 dúzia de ovos brancos, 1 kg de açúcar e 1kg de mamão? B) qual é produto de maior preço? Quanto custa?C) Qual é produto de menor preço?D) “E” foi ao mercado e comprou 2 kg de batatas, 1 kg de bergamota e 3 kg de aipim. Pergunta-se: Quantos quilos de alimentos, “E” comprou? E quanto gastou?

Também pequenas atitudes da professora podem contribuir positivamente para a melhor compreensão de determinados conceitos que serão levados para o resto da vida dos alunos, que muitas vezes, percebemos ficarem vagos, e, alunos de séries maiores não têm apropriados. Nesse aspecto é muito importante o professor usar uma linguagem adequada e prática com seus alunos. Passei a adotar esse sistema vendo que ele passa a reforçar positivamente as aprendizagens de determinados conceitos como por exemplo, para organizarem-se para irem ao refeitório os alunos perguntam-me como é a fila e então digo: “hoje, é na forma decrescente” ou então “em ordem

alfabética” ou até mesmo “na frente irão aqueles alunos, cujo nomes comecem com consoantes”.

Parecem insignificantes, mas são essas pequenas ações que possibilitam a compreensão de alguns conceitos básicos tão importantes a assimilação de outros conceitos.

De acordo com Piaget (1991, p.9-10):

[...] a compreensão da matemática elementar decorre da construção de estruturas inicialmente qualitativas (o número, por exemplo, aparece psicologicamente como uma síntese da inclusão das classes e da ordem serial) e quanto mais for facilitada a construção prévia das operações lógicas em todos os níveis da matemática, tanto mais estará ele sendo favorecido.

Quanto mais o professor reforça atividades utilizando situações corriqueiras do dia a dia, mais fácil será a compreensão e abstrações realizadas pelos alunos. Determinados conceitos são imprescindíveis para a construção e abstração de novos conceitos.

7.1 A literatura uma grande aliada

Se perguntarmos a qualquer educador (pai, professor, bibliotecário, coordenador de ensino, entre outros) sobre o que pretende quando leva um livro para criança, a resposta é sempre a mesma: queremos criar nas crianças o gosto pela leitura. Em outras palavras, pretendemos que a criança e o jovem tenham pela vida a fora, a literatura como forma de enriquecimento, além de desenvolver a reflexão e o espírito crítico, sendo uma fonte inesgotável de temas para melhor compreender a si ao mundo. Buscando desenvolver essa compreensão, realizou-se, na prática pedagógica, atividades envolvendo a literatura como elemento de aprendizagem.

O ensino da leitura está historicamente vinculado à escola. Cabe ao professor utilizar-se de forma adequada dessa rica ferramenta de trabalho. Aproveitando a Feira do Livro de Sapiranga, busquei desenvolver atividades usando livros de literatura de alguns autores que iriam participar da feira. Xuxa, em o mistério de Feiurinha foi lido capítulo a capítulo diariamente pela

professora aos alunos. A cada capítulo eram realizados comentários, em seguida os alunos assistiram ao filme onde puderam analisar e comparar. Também foi adotado o critério de escolher um livro e cada aluno leva-o para casa no outro dia era feito um relato se gostou ou não gostou. Esse livro passou de um a um até que todos tivessem lido.

Devemos salientar que o educador deve saber o quanto a literatura é importante a sua prática e ação em sala de aula, pois sua mediação motivará, ou não, a sua prática de leitura e escrita. Cabe a ele incentivar a criança o gosto pelo livro, visando o desenvolvimento do hábito da leitura. É ele quem vai indicar os livros aos alunos, oferecendo-lhes um repertório de títulos em que passam se movimentar, segundo suas preferências e interesses. Os professores precisam munir-se de uma visão crítica e reflexiva ao indicar livros aos seus alunos. Naturalmente é preciso fazer uma seleção inicial, levando em conta, entre outros fatores, o interesse do ouvinte, sua faixa etária, suas condições socioeconômicas.

Buscando retratar e analisar situações em que os alunos vivem, articulei algumas atividades de leitura que levaram os alunos a refletirem sobre assuntos de seu cotidiano. Usei a coleção Muda mundo: “Tudo começa em casa.” (OSTERMANN, 2009), “Todo mundo é igual?” (GUIMARÃES, 2009), “Quer brincar comigo?” (NUNES, 2009), “Que lixo é esse?” (SANTOS, 2009). Criados por um grupo de jornalistas, com temas voltados para crianças de anos iniciais, que propõe a mudança de mundo a partir da sala de aula, com histórias simples com personagens nos quais as crianças identificam-se. A proposta foi debater os temas abordados por cada um dos livros – família, identidade, relação-criança escola-bairro e relação com o meio ambiente. Em cada semana coloquei dentro da proposta de trabalho a contação de história usando esses livros. Comecei com “Todo mundo é igual”, debatemos e destacamos as diferenças e semelhanças relacionadas com a história do livro e a dos alunos e suas respectivas famílias. Depois disso montamos um gráfico com as características listadas, enfatizando que ninguém é igual a ninguém e que todos temos qualidades que precisam ser ressaltadas em nossas atitudes.

O dizer “somos todos iguais” significa que mesmo nas nossas diferenças temos que ter as mesmas oportunidades, os mesmos direitos e deveres.

Segundo Freire (1981, p. 27), “Ler e escrever como momentos inseparáveis do mesmo processo- o da compreensão e o do domínio da língua e da linguagem”. Este ainda destaca a importância do ato de ler para pensar certo e para pensar certo é preciso compreender as práticas de trabalho e de vivências que nos cercam. Para isso o uso da literatura possibilita o enriquecimento do vocabulário expressado na escrita espontânea dos alunos apresentando pequenos textos coesos e reflexivos. Proporcionando uma leitura crítica do mundo e as coisas das quais convivem.

Se um projeto coerente de educação favorece a formação de leitores, necessita contemplar um amplo espaço de interação dos alunos com o meio literário, através de atividades dinâmicas e variadas, proporcionando a ampliação dos conhecimentos, da leitura, da escrita e da criatividade. Descobrir a função social da leitura e da escrita, despertando a vontade de ler, com disposição e interesse por novas descobertas.

A boa literatura usada como sendo uma fonte inesgotável de trabalho e tida como culminação da linguagem escrita, torna-se uma parte fundamental da cultura que o professor proporcionar ao alcance dos alunos.

8 O USO DAS TECNOLOGIAS COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM

É certo que a escola é uma instituição que a cinco mil anos se baseia no falar/ditar do mestre, na escrita manuscrita do aluno e, a quatro séculos, em um uso moderado da impressão. Uma verdadeira integração da Informática (como audiovisual) supõe, portanto, o abandono de um hábito antropológico mais que milenar, o que não pode ser feito em alguns anos (LÉVY, 1993, p.8-9).

Vivemos num mundo cercado pelas tecnologias, quer queira, quer não, elas são responsáveis pelo andamento e evolução da sociedade. Nos dias de hoje não conseguimos nos imaginar sem a energia elétrica, as redes de comunicação, os meios de transportes e outros tantos elementos que permitem a convivência evolutiva do ser humano.

As crianças desde muito cedo são familiarizadas com o uso das tecnologias, entretanto percebemos que a escola não evoluiu da mesma forma, apesar de a maioria dispor de recursos tecnológicos, estes não são usados adequadamente. Algumas pelo fato de não terem disponibilidade e recursos o suficiente para atender a demanda e outras pela falta de preparo dos professores, que não estão capacitados para usar adequadamente as tecnologias como ferramenta de aprendizagem.

A maioria dos profissionais que atua no campo do magistério há mais tempo não acompanhou, por este ou por aquele motivo, a evolução tecnológica, ou seja, ele sabe que existe, até dispõe destas, mas não as usa como ferramenta de aprendizagem dentro de sua ação pedagógica.

Partindo de meu exemplo próprio, até a minha entrada no PEAD, as tecnologias não faziam parte do planejamento de minhas práticas pedagógicas. O motivo real era o fato de ser analfabeta digital. Ora, mas então porque não buscava aprender, pois estava sempre buscando capacitação em diversas áreas? Muito simples e obvio pela vergonha de saber que crianças pequenas já dominavam o uso das tecnologias e eu a professora não sabia nem ligar um computador. Esse fator demonstra a postura daquele “velho professor” que deve deter o saber. Também outro fator que me manteve “travada”, frente ao uso das tecnologias foi o medo de não aprender, juntando esse medo a vergonha me escondi por vários anos atrás dos mais fúteis argumentos para não evoluir. Bem, se hoje, estou na reta final deste curso, significa que consegui dar uma guinada na minha vida através do uso das tecnologias, pois caso contrário, não teria conseguido realizar o curso de Pedagogia à distância.

Como aluna foi um processo bastante difícil, pois eu precisava fazer uso e dominar o básico referente ao uso das tecnologias, no entanto tinha várias limitações, mas foi com muita vontade de aprender e com uma

organização em rede de aprendizagem que consegui evolui. Com o domínio das ferramentas básicas de tecnologias passei a inseri-las em minha prática pedagógica e também em minha vida pessoal.

O meu estágio curricular foi planejado e articulado por mim, junto a equipe diretiva da escola, para o uso das tecnologias como diferencial na aprendizagem dos alunos. Tanto é que articulei a disponibilidade de dois horários de cinquenta minutos de Informática para a minha turma, sendo que a práxis da escola é de somente um horário.

A escola em que realizei meu estágio curricular possui um laboratório de informática equipado com dezoito computadores com internet banda larga da Oi, disponibilizada pelo Governo Federal. Também conta com um professor contratado para monitorar as aulas. As aulas de informáticas são planejadas pelas professoras que acompanham seus alunos e as aplicam com o auxílio do professor de Informática.

Observando o comportamento dos professores, isto é, de como e para que usavam as aulas de informática percebi que a maioria planejava como forma de entretenimento ou compensação para os alunos jogarem joguinhos. Softwares estes, até pedagogicamente corretos, mas que eram oferecidos aos alunos de forma descontextualizada. Observei que a maioria dos professores não possuem capacitação para fazer do uso das tecnologias uma ferramenta adequada para contribuir de forma articulada com a prática pedagógica. Existe um despreparo muito grande das equipes diretivas e professores em promover e articular ações tendo como foco o uso das tecnologias como aliada e provocadora de motivação e interesse pela aprendizagem.

De acordo com Radtke e Santos (2005, p.328):

A formação não pode ser dissociada da atuação (...) A formação e atuação de docentes para o uso da informática em educação são um processo que inter-relaciona o domínio dos recursos tecnológicos com a ação pedagógica e com conhecimentos teóricos para refletir, compreender e transformar essa ação.

Então por que não promover ações que envolvam o domínio do uso das ferramentas tecnológicas para desenvolver a aprendizagem articuladas com demais atividades planejadas pelo professor?

Constatei que os meus alunos apesar de terem informática desde o primeiro ano, eram semi-analfabetos digitais. Nas aulas de informática estavam condicionados a somente jogarem softwares, para eles não existia outra função para o uso do computador. Então começamos um processo de conhecer o computador e suas diversas funções. As crianças perceberam que teriam diversos caminhos para usarem de forma adequada as ferramentas disponíveis.

Foram criados e-mails para os alunos, páginas no pbworks e as crianças passaram a aliar o que estavam aprendendo na sala de aula com o uso do laboratório de informática. Nas primeiras semanas observei que os alunos comportavam como eu no início da minha alfabetização digital. Algumas crianças tinham receio de errar, ficavam inseguras, outras ao contrário assimilavam direitinho e iam adiante, muitas vezes auxiliando os colegas com maiores dificuldades. Juntos, professor e alunos passam a redescobrir novas formas de aprender fazendo isso com o uso da informática como recurso pedagógico.

Como o uso das tecnologias não se restringem ao uso do computador e suas diversas ferramentas, pois se o professor passasse a depender somente deste como recurso pedagógico teria alguns problemas a enfrentar, os alunos passaram a usar outros recursos tecnológicos. Os celulares com câmera, as máquinas fotográficas digitais e até mesmo retro projetor e o projetor multimídia passaram a fazer parte dos recursos usados pelos alunos e professora. É claro na realidade citada onde foi realizado o trabalho poucos alunos dispõem de recursos tecnológicos, no entanto os poucos que dispunham traziam para usarmos em nossos registros. O interessante é que para usarem a máquina digital da professora os alunos faziam fila. De posse das fotos estas eram passadas para os computadores e os alunos passavam a ter acesso. O interesse e a motivação sempre foram muito intenso, pois percebia-se que as crianças estavam sentindo-se valorizadas e ao mesmo

tempo tendo uma identidade própria de alguém que faz parte de um contexto e sente-se inserido e atuante neste.

As visitas realizadas nas casas das famílias dos alunos foram registradas pela professora, então foi possível elaborar com os alunos produções textuais usando o editor de texto. Também os alunos realizaram uma homenagem para as mães em power point, usando fotos e mensagens feitas por eles próprios. Na socialização com as famílias, onde ocorreram não só as apresentações para as mães, mas as famílias dos alunos tiveram acesso ao laboratório de informática para, juntos, filhos e pais perceberem como estavam decorrendo as aprendizagens de informática. Percebi um laço de envolvimento muito grande entre filhos e famílias. As mães mais do que nunca estavam comprometidas com desenvolvimento escolar de seus filhos e muito orgulhosas passando a acreditar e estimular mais os estudos escolares das crianças.

Para trabalharmos com o uso de mapas usamos primeiro em sala de aula. Os alunos construíram o mapa do caminho para escola de cada um. Na informática passaram a conhecer os mapas com as possibilidades de interação, isso provocou uma euforia grande, pois, eles procuravam identificar a escola e suas moradias através dos mapas. Também usamos o Paint para desenvolver o mapa do caminho para o Museu Municipal, ao qual havíamos feito uma visita. Após criarem os mapas com suas respectivas legendas os alunos fizeram uma pequena produção textual usando o editor de texto. Percebi que os alunos ficavam muito mais preocupados com o uso correto da escrita, ao contrário das produções realizadas em sala de aula.

9 E A AÇÃO DE AVALIAR COMO É QUE FICA?

Sabemos que em qualquer processo de qualificação ou evolução é necessário realizar avaliação. Em educação não é diferente, entretanto o sistema de avaliação usado pela grande maioria das escolas deixa muito a desejar, pois contempla um resultado pontual, ou seja, a nota, que “fulano” ou “beltrano” tirou. Então tudo se resume em tirou azul, está tudo certo, este aluno está aprovado. Entretanto tirou vermelho, entra para a fila do “carimbo dos fracassados”. Na maioria dos casos não há um olhar para as aprendizagens diversificadas, por exemplo, crianças que lidam com dinheiro, sabem fazer qualquer cálculo mental, no entanto têm dificuldades de sistematizar de acordo com o que a escola está pedindo.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, (BRASIL, 1997, p. 83):

Um sistema educacional comprometido com o desenvolvimento das capacidades dos alunos, que se expressam pela qualidade das relações que estabelecem e pela profundidade dos saberes constituídos, encontra, na avaliação, uma referência à análise de seus propósitos, que lhe permite redimensionar investimentos, a fim de que os alunos aprendam cada vez mais e melhor e atinjam os objetivos propostos.

Levando em consideração que o conhecimento se dá na contradição entre saberes, pois o saber do educando e do meio em que vive são elementos fundamentais e ressignificadores da leitura do mundo realizada por um tipo de conhecimento. Procurei levar em consideração o os progressos contínuos de meus alunos, onde procurei estimula-los para a tomada de consciência de que está dentro deles o poder aprender mais, e que basta eles mesmos procurarem avaliar seus progressos e dificuldades que apresentam.

Embasada na concepção de que a avaliação precisa ser um processo permanente de observação, registro descritivo e também de reflexão acerca do desenvolvimento integral da criança, buscando sempre inseri-la nesse processo para que tenha a tomada de consciência que está dentro dela o poder de aprender. O professor é mais um facilitador e acima de tudo alguém que orienta e estimula o desenvolvimento da auto estima e a vontade de

aprender. No caso da realidade em que atuo, é imprescindível o despertar da vontade de aprender, o querer aprender e também o buscar aprendizagens.

Então como reflexo das ações promotoras da elevação da autoestima, pela alegria e vontade de aprender de meus alunos, percebi nestes um rendimento surpreendente e revelador. Pela convivência e evolução das crianças percebi que eles sentiam-se motivados com as aprendizagens obtidas. É perceptível o orgulho dos alunos ao mostrarem os trabalhos desenvolvidos com o apoio das tecnologias, muitos deles não tiravam uma foto com a família ou com a mãe há muito tempo. Então de repente, estão fazendo uso de imagens de suas realidades e mais, estão debatendo e tendo consciência de elementos importantes para progredirem como crianças e cidadão com direitos iguais.

Cabe, então, ao professor levar em consideração o desenvolvimento integral do aluno procurando avaliar de diversas formas, ou seja, a participação e realização das atividades propostas, a assiduidade, as características do contexto familiar e a evolução das aprendizagens conquistadas. Portanto, a avaliação precisa ser um conjunto de ações que procurem obter informações do quanto foi aprendido pelo aluno de forma integral. A avaliação precisa ser um processo de reflexão constante que avalia os resultados individuais obtidos e também coletivos. A avaliação precisa promover e estimular o aluno a seguir adiante e não ao contrário, excluir desmotivar ou até mesmo rotular com o famoso carimbo de “fracassado”. Penso que o professor tem o papel de promover ações que visem uma avaliação que promova a inclusão e não a exclusão.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com Becker, (2001, p.66):

[...] para onde devem convergir os esforços que podem produzir modificações consistentes no panorama educacional: a sala de aula é a condição prévia de seu funcionamento, o professor com uma visão interacionista – construtivista, do ser humano em geral e do conhecimento em particular - visão esta capaz de suportar a realidade trazida para dentro da sala pelo aluno e transforma-la em matéria prima da ação pedagógica visando, antes de tudo, a construção das condições prévias de todo conhecimento e, a fortiori, de toda aprendizagem.

Sabemos que o cenário brasileiro educacional vive um momento onde é preciso ações que possam diminuir a desigualdade social tão presente desde outros tempos. Entretanto, por que não investirmos nas bases educacionais, ou seja, centrar na sala de aula do professor, ou mais especificamente na ação do professor frente às dificuldades dos alunos, de compreender o que a escola propõe como forma de promover a aprendizagem.

Percebi que é possível planejar ações capazes de promover a autoestima e estimular a motivação através de pequenas parecerias envolvendo a comunidade escolar na participação efetiva na escola. É fácil reclamarmos, apontar “erros” e “culpados”, no entanto é preciso ter atitude e assumir a responsabilidade de inovar e renovar a ação pedagógica.

O professor dentro da sala de aula tem o poder de articular ações que condigam com a realidade de seus alunos. Crianças que não têm um mínimo de consciência da realidade em que estão inseridas precisam ser estimuladas para a tomada de consciência de que podemos transformar através da educação o mundo em que vivemos.

Na maioria das vezes os pais mantêm-se afastado da participação efetiva da escola por falta de alguém dar o primeiro passo. Então cabe a escola ou porque não ao professor dar esse primeiro passo. Na escola em que atuo ouço alguns comentários sobre alguns de meus alunos que tinham problemas de indisciplina e conseqüentemente de aprendizagem, pois recusavam-se a realizar as atividades oferecidas pela escola tinham falta de assiduidade e os pais não participavam das vida escolar do filhos. Com a parceria estabelecida no decorrer do Estágio Curricular, esses alunos mudaram completamente, passaram de crianças desinteressadas à alunos ativos e comprometidos com o

processo de aprendizagem. Quem ganha com isso? Todos, principalmente as famílias e a professora que observam a evolução.

É claro que isso não aconteceu da noite para o dia, mas sim, aos poucos numa relação baseada na construção do conhecimento através da relação de troca de aprendizagem entre professor e alunos, professor e comunidade escolar. A criança quando percebe a humildade do professor e que este se coloca em condição de aprendiz, assim como o aluno, fica mais confiante e motivada a prosseguir em frente. Também é importante a criança sentir-se valorizada tanto pela professora como pela família. E como conseguir que a criança perceba essa valorização se não através do olhar da escola e da família em prol da ação pedagógica articulada entre ambas.

A postura do professor frente aos seus alunos e a comunidade escolar precisa ser coerente e transparente, fundamentada nos princípios básicos de que o educador aprende junto com o educando. Segundo Becker, (2001, p.32), “uma proposta dimensionada pelo tamanho do futuro que vislumbramos, deve ser construída sobre o poder constitutivo e criador da ação humana – É a ação que dá significado as coisas”.

Essa ação envolve todos os segmentos da escola e da comunidade escolar, claro que amparada pela proposta do professor articulada e planejada para o desenvolvimento integral do aluno. O aluno precisa encontrar na comunidade escolar atividades que despertam a motivação e a vontade de aprender.

Nesse contexto o professor precisa ousar, apostar nas inovações, tanto as mais simples como brincadeiras, jogos e literatura quanto as que envolvem o uso das tecnologias. As tecnologias são recursos muito importantes para o professor usar como ferramenta de aprendizagem. No entanto precisam ser planejadas e articuladas com a ação pedagógica do professor.

Através da realização do Estágio Curricular constatei que é possível o professor proporcionar uma educação baseada na relação onde alunos e professor conhecem-se e buscam aprender a partir das vivências e do conhecimento da realidade em que estão inseridos.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997, p. 53):

Cabe ao educador, por meio da intervenção pedagógica, promover a realização de aprendizagem com o maior grau de significado possível, uma vez que esta nunca ,e absoluta – sempre é possível estabelecer relação entre o que se aprende e a realidade, conhecer as possibilidades de observação, reflexão e informação [...].

Ao planejar, Projetos com atividades voltadas para o resgate de valores, identidade e a convivência em grupos, percebi o quanto é importante essa tomada de consciência pelos alunos. Existe uma lacuna muito grande na vida de nossas crianças e jovens em se tratando do resgate de valores que acredito serem muito importante nos dias de hoje, ou seja, o respeito pelo outro, a solidariedade, a honestidade e outros.

Portanto, é extremamente importante, o professor planejar atividades que levem as crianças a refletirem e a perceberem a importância de determinados valores para a convivência em comunidade e conseqüentemente na sociedade.

Durante esse processo muito aprendi, entretanto, percebo que nada é definitivo ou está acabado, pois muitas questões continuam em aberto e continua sendo necessário o repensar de nossas ações para que possamos realmente oferecer uma educação transformadora às nossas crianças.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

BECKER, Fernando. **Educação e Construção do Conhecimento**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

CAETANO, Luciana Maria. **Relação escola e família: uma proposta de parceria.** Disponível em: <http://www.seufuturonapratica.com.br/intellectus/_Arquivos/Jul_Dez_03/PDF/Luciana.pdf> Acesso em 21 set. 2010

DESSEN, Maria Auxiliadora. POLONIA, Ana da Costa. A família como contextos de desenvolvimento humano. **Padéia** (Ribeirão Preto) [on line]. Abr 2007, vol.17, n 36. p.21-32. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n36/v17n36a03.pdf>> Acesso em 16 set. 2010.

FREIRE, Madalena. **A aventura de ensinar, criar e educar.** São Paulo: Espaço Pedagógico, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler.** São Paulo: Cortez Editora/ Autores associados, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo e Ira Shor. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GUIMARÃES, Suzana. **Todo mundo é igual.** Porto Alegre: Nova Prova Editora, 2009.

LEVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

NUNES, Liziane. **Quer brincar comigo?** Porto Alegre: Nova Prova Editora, 2009.

OSTERMANN, Cristiane. **Tudo começa em casa.** Porto Alegre: Nova Prova Editora, 2009.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

PIAGET, Jean. **Para onde vai a Educação?** Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

SANTOS, Bettina Steren dos. RADTKE, Márcia Leão. Inclusão digital: reflexões sobre a formação docente. In: PELLANDA, Nize Maria Campos. SCHLÜNZEN, Elisa Tomoe Moriya. SCHLÜNZEN, Klaus Junior. (orgs.). **Inclusão digital: tecendo redes afetivas/cognitivas.** Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

SANTOS, Karem. **Que lixo é esse?** Porto Alegre: Nova Prova Editora, 2009.

TIBA, Içami. **Quem Ama Educa.** São Paulo: Editora Gente, 2002.

ZAGURY, Tânia. **Escola sem conflito.** Rio de Janeiro: Record. 2002.

ZAGURY, Tânia. **Limites sem Traumas.** Rio de Janeiro: Record, 2003.